

janela de cerca de um metro, providos de grade de proteção voltadas para o setor posterior em posições adjacentes aos aparelhos de refrigeração de ar. A cobertura do alojamento era realizada por estrutura metálica treliçada em telhas de aço galvanizado. Os módulos se encontravam apoiados sobre um conjunto de sapatas consolidadas sobre o solo, com acabamento de piso confeccionado em elementos de chapas de madeira, contando ainda com sistema hidráulico, elétrico de climatização, o último exercício por seis unidades de aparelhos de refrigerador de aro horizontal, de janelas, fixados com nichos metálicos. Isso é retirado do laudo do ICCE, que está em todos os documentos do processo.

O desafio inicial atentou-se para tomar as fotografias, anotações, visando caracterizar o real posicionamento das vítimas - isso é o padrão em qualquer perícia de local que os peritos criminais fazem. Fotografar e tentar definir algumas coisas. Sempre que temos um evento com muitas vítimas, além da numeração padrão já adotada daquele ano, existe um número para a delegacia com relação ao ano; consideramos isso uma tragédia de massa, mal comparando a Brumadinho e outras tragédias envolvendo grande número de vítimas, e numeramos de zero em diante para esse evento. Além do número da delegacia, da 42ª DP, vai de zero em diante e esse número mantemos até o fim, porque não sabíamos como ia terminar a questão de identificação, se ia ser fácil, quanto tempo ia demorar. Nesse momento aí não se sabe ainda quantas vítimas são: dez é um número razoavelmente pequeno, mas, comparando com Brumadinho, até hoje não apareceram todos.

Isso é uma planta explicando aquele texto que eu estava lendo sobre a disposição dos quartos, as portas e tudo mais. Isso aqui é uma projeção dessa planta naquele terreno, naquela foto que eu havia mostrado mais cedo. Aqui, nesse desenho, dá para ver a disposição dos corpos onde foram encontrados. As primeiras fotos que eles tiraram no local, essa numeração. Os corpos, onde apareceram. Não tem muitas fotos aí para não ficar uma coisa muito ruim de se ver. Aqui, os quartos onde cada um dormia, que vocês estavam falando agora há pouco isso, para vocês tentarem entender como foi a tentativa deles de sair.

Eu tentei organizar alguma coisa sobre como acontecem os incêndios, a gente tem o pessoal dos bombeiros, que pode me corrigir ou tentar melhorar o texto, mas existe uma fase inicial onde existem o combustível e o comburente em quantidade abundante, e existe um aumento gradual da temperatura, da chama e da liberação de vapor, de água e dos gases. O incêndio, nessa fase, fica limitado a um foco inicial e das proximidades. Depois, existe uma fase de crescimento e desenvolvimento de qualquer incêndio. As chamas vão subindo, existe a fase daquela fumaça preta, que é uma chama bastante difusa; existe o aumento exponencial da taxa de liberação de calor e isso dura um curto período de tempo. Quanto mais o foco se desenvolve nessa fase, mais afeta toda a região, tudo o que está acontecendo ali, não só essa localização, mas toda a estrutura do local. A forma como é afetada a estrutura do local também vai influenciar no desenvolvimento do fogo. Então, é um círculo vicioso. Isso pode durar muito tempo ou pouco tempo, mas alguns fatores interferem no tempo que isso dura. A fase de desenvolvimento completo é o que eles chamam de flashover, que é quando isso se potencializa de forma tão rápida que faz isso durar muito pouco tempo.

Não sei se estou explicando direito, porque não é a minha área, mas é uma coisa mais ou menos leiga através de literatura do Corpo de Bombeiros, para tentar ficar simples para compreenderem aqui. O fato é que quando ocorre essa generalização, o flashover, é uma coisa transitória de desenvolvimento do fogo em que as superfícies expostas à radiação atingem uma temperatura máxima, e é um fenômeno que tudo fica pegando fogo simultaneamente. Eu trouxe um vídeo mostrando que, em quarenta e cinco segundos, essas três fases que eu mostrei, isso acontecendo em quarenta e cinco segundos, do início até o fim. É uma árvore de natal, em vez de ser um ar condicionado e, do início ao fim, dura quarenta e cinco segundos. Só para vocês tentarem entender como é muito rápido mesmo, uma coisa dessa magnitude.

Aqui é uma descrição sobre o que eles encontraram lá no local. Isso aqui é visão do material preenchido de painéis. Eles podem explicar melhor o que isso significa. A visão do traço encontrado no interior das espiras das bobinas do motor, o significado disso para os peritos criminais. Algumas coisas que eles encontraram lá, que eles consideraram improváveis na ausência do plug da tomada e em condutores desordenados na entrada da identificação. Isso consta do laudo da perícia criminal. Emendas e descontinuidades em revestimentos - coisas que talvez eles tenham atribuído a isso.

O que eu estava tentando explicar sobre a identificação, que a gente tem os eventos fechados e tenta manter, a gente mantém essa numeração do início ao fim. A gente havia feito essas placas quando o Rio de Janeiro começou a se preparar para coisas dessa magnitude na época da Copa, da Olimpíada. Até então, a gente não tinha nenhum preparo para isso e, nessa ocasião, a Polícia Federal começou a intervir aqui no Rio de Janeiro para que a gente tivesse um mínimo de preparo para isso. Então, algumas pessoas daqui têm formação para atuar em situações assim. Vocês veem que a gente também improvisa coisas, porque as nossas placas são sei lá de que ano. A gente pintou o número ali para garantir que o que seria o cadáver dessas pessoas, os restos, que a família fala sobre cinzas e tudo o mais, elas vão sempre estar acompanhadas dessa placa, para qualquer estudo futuro necessário. O que a gente recebeu de roupa, já que as famílias não estão aqui eu posso passar a imagem, o que a gente recebeu de roupa das dez crianças foi apenas isso aqui. A única coisa identificável, atleta tem muito isso de botar o nome nas roupas, a única coisa identificável foi esta aqui, PH, que era do Pablo. Foi por ele que a gente começou a identificação, porque era a única pista sobre alguém, era isso. Essa blusa preta, a gente nunca soube de quem é, não era dele.

Isso aqui é só para entenderem o que são aspectos absolutamente característicos na inalação de gás, de fumaça. Nem todos os corpos a gente conseguiu receber dessa forma. Alguns um pouco mais conservados, a gente pode afirmar que eles inalaram fumaça. Alguns, a gente não recebeu essa parte do corpo, isso já veio totalmente carbonizado, então, a gente não tem como afirmar, mas, obviamente, se os conservados têm isso, obviamente todos inalaram. É porque, com o fenômeno do flashover, a condição do corpo fica muito prejudicada mesmo. A gente não tem como ver quase nada.

O SR (?) - Doutora, posso fazer uma pergunta?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não.

O SR. (?) - A respeito dessa característica trazida, naqueles que sobreviveram teria repercussão?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Sim, eu vou falar um pouco do seu cliente. Acaba não sendo dessa intensidade. Aquela quantidade de reação vital ali é meio incompatível com a vida ou com a respiração futura, porque uma cicatrização daquilo talvez vá causar uma estenose da traqueia, tudo o mais. Mas, com certeza, ele sofreu aquilo, talvez não naquela intensidade.

Isso aqui já são coisas que o vivo não vai ter - congestão, PTEC são coisas do morto, bem muito típicas de asfixia. Isso aqui, a gente imediatamente viu, isso não está dissecado, é como eles realmente chegaram, o que foi uma forma de a gente logo identificar a idade deles. A gente vê as placas de crescimento, já tem logo uma noção da idade. As identificações começaram por aí. As identificações de alguns deles conseguiram ser feitas pelas digitais necropapiloscópicas, pelos peritos do ICCE, que são extremamente capacitados, e a gente começou pela do Paulo Henrique por ter essa parte. Eles tiram os dedos e fazem várias técnicas que permitem a identificação. A desse aqui, eu não sei quem é esse menino, também não quis botar nome para não... Para não... Mas não é o Paulo Henrique, é outro, foi feito por essa foto, isso é uma foto de rede social. A gente, olhando, é uma coisa meramente "olhômetro", mas o dentista especializa, ele identifica medindo cada espaço desse para poder dizer que essa pessoa é dessa foto. Não é como a gente que está olhando, dizer: ah, é a pessoa. A gente, leigo na parte odontológica, a gente faz um reconhecimento, mas o dentista faz analisando cada espaço, por medida, para poder dizer que essa pessoa é essa, por foto, né? Identificar por foto é uma coisa muito séria. Esse é o menino que é de Santa Catarina. O dentista dele mandou isso tudo para a gente por e-

mail, em tempo real, e a gente conseguiu. Isso é o material enviado por eles e isso a gente fez no IML. Eu também não sei dizer direito, porque não sou dentista, mas o dentista da gente consegue dizer direitinho o desenho que tem pelo dente confrontar com aquela imagem e dizer que esse dente é dessa pessoa.

Só para vocês entenderem, tudo relacionado à identificação é comparativo. Eles todos tinham a ficha dentária muito bem documentada, eles eram muito bem cuidados lá, tanto pelos médicos, quanto pelos dentistas, por tudo. Só que eles, por serem muito jovens, a ficha dentária deles, as anotações eram basicamente "sem alterações", porque eles não tinham cárie, eles não tinham quase nada. Você pega um adulto cheio de cáries, cheio de obturação, ou crianças mal-cuidadas cheias de alterações, é fácil identificar para o dentista. Mas, pessoas bem cuidadas e sem alterações, você não tem o que dizer. Então, você olha, pô, não tem nada, então, como você vai dizer que essa pessoa é aquela?

O SR (?) - Eu só faria uma ressalva: crianças que já chegaram lá bem cuidadas.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Sim, ok, e continuaram sendo, de forma que tudo... Né?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Vamos só garantir a palavra à dra. Gabriela, para a gente não ter interrupção e continuar prosseguindo. Por favor, dra. Gabriela.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Então, as fichas dentárias, exceto esse menino de Santa Catarina, que tinha já um acompanhamento de alguma coisa de aparelho, e um desses dois que tinha uma alteração de mordedura, de ângulo da mandíbula, e essa observação foi bastante importante, aos outros isso não foi muito enriquecedor. Então, só para vocês entenderem que a gente precisa de documentação prévia e de comparação para poder fechar quem é quem. É o mesmo que se faz com a digital. Existe uma documentação, a gente extrai a digital e compara. Exatamente a mesma logística. Esses dois foram os últimos a sair, a tentar sair, assim, eram corpos bastante prejudicados. Parece que eles eram muito amigos, por isso estavam também juntos. Eles eram parecidos ainda por cima, tinham o biótipo bem parecido. Quando os corpos pegam fogo, a gente perde muito a noção da estatura da pessoa. Eu acho que é porque a tibia não tem muita parte mole, então, a perna pega fogo rápido. Sei lá. Mas, eles chegam sem a gente ter noção do tamanho da pessoa. A gente nunca pensou que eles fossem tão diferentes em termos de estatura e o médico do Flamengo me mandou os dados antropométricos dele, num insight: ah, será que isso te ajuda em alguma coisa? E aí, no sábado à tarde, eu comecei a olhar aquilo e falei: Pô, eles são muito diferentes de altura. E a gente aplicou algumas técnicas de estudos antropométricos. A gente utiliza o fêmur para chegar à altura final da pessoa. Só que isso cai em tabelas de desvio-padrão, então, a chance de isso cair em tabelas em que os dois iam se cruzar também era muito grande. Só que a gente teve a sorte de não cair. Então, a gente conseguiu separar um do outro. Somando-se a isso, um dos dois tinha a história da mandíbula diferente, a que está anotado ali, que é isso aqui. Esse é o Gustavo, que era o médico do Flamengo. Essas são as anotações da ficha deles, essa é a mandíbula que tem esse ângulo, só para vocês entenderem o que é no desenho.

A SRA. RENATA SOUZA - Doutora Gabriela, se me permite, com a permissão da presidência, é porque a gente está passando imagens delicadas. De qualquer forma, quando a família sai, e é claro, a senhora trabalha com isso todos os dias, mas eu acho que ver uma mandíbula que pode identificar um desses jovens... Então, pedir a sensibilidade, o bom senso da própria imprensa que está filmando tudo, porque eu acho que aqui, claro, você imagina olhar uma mandíbula na televisão e identificar como se fosse do filho. Enfim, só um pouquinho de sensibilidade, de bom senso, porque eu acho que é fundamental.

O SR. RODRIGO AMORIM - Deputada, v. exa. faz uma colocação oportuna. Se me permite, presidente, eu acho que, embora muito bem apresentado, eu acho que não colabora para a convicção. Eu acho que está muito claro. São questões absolutamente técnicas de identificação, a identificação já aconteceu. Está claro para a gente o grande serviço, mais uma vez a presença de v. exa. aqui, e, enfim, eu acho que a dinâmica do incêndio já está clara para todos nós. Tem alguns aspectos ali que dizem respeito especificamente ao local onde iniciou e tudo o mais, mas, sr presidente, eu gostaria que v. exa. levasse, como bem disse a deputada Renata, eu acho que já está suficiente para nós.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Era só isso mesmo, era só para vocês entenderem como a gente chegou a essas coisas.

O SR. RODRIGO AMORIM - Parabéns pelo trabalho.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu só tenho...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não, deputado. Se o senhor quiser fazer a parte de pergunta antes, eu só quero fazer uma indagação porque eu acho que é o suficiente para a gente dispensar.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Eu tenho só uma questão. Após a chegada dos corpos ao IML, qual foi a média de tempo para identificação de cada um deles?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - A gente terminou tudo em quarenta e oito horas. Só para vocês entenderem por que a gente fez isso dessa forma, porque o DNA demora pelo menos vinte dias para ser feito, não por problema da polícia, mas porque tem que fixar o osso, tem que trazer o parente para poder fazer a comparação. Independente do parente, você não pega o osso, bota um pedaço e sai o resultado. Demora em torno de vinte dias. A gente só consegue sepultar a pessoa não identificada sem determinação judicial em até quinze dias. Então, os corpos sairiam sem nome se a gente dependesse do DNA.

Eu basicamente quis mostrar isso para vocês entenderem que a gente precisava fazer dessa forma, para não esperar o DNA, para não piorar a situação, entendeu?

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Prolongar.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr presidente, eu acho que é importante, já que estamos falando da perícia, mas mais atinente ao local.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A gente vai entrar um pouco também com os peritos do Instituto de Criminalística. Só um minuto, doutora.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu só queria fazer duas perguntas à dra Gabriela, que é sempre muito cortês com esta comissão, com muita reverência ao Parlamento, tem nos ajudado muito nesta comissão.

São duas perguntas bastante objetivas. Primeira, indubitavelmente, todos eles foram fatalizados por esse acidente, enfim, por essa questão. Agora, algum deles tinha algum tipo de... É... Como é que eu posso dizer assim... Ao que levasse à suspeita de que alguns deles não estavam saudáveis ou não estariam saudáveis. Foi possível identificar isso?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - A gente não teria como avaliar, pelo estado em que eles chegaram, mas, pela documentação que o Flamengo mandou para a gente, bastante completa...

O SR. JORGE FELIPPE NETO - A vida deles seria longeva e tranquila do ponto de vista de saúde.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - A documentação deles estava muito boa. Aliás, o Flamengo foi muito solícito com isso, os médicos deles ficaram lá o tempo todo. São dois médicos muito amigos meus, inclusive.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - O Fabricio é supercampeão, enfim, só tenho a elogiar-lo.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Exatamente. Sobre os três sobreviventes, que eu também examinei depois, quando eles já tinham as sequelas estabelecidas...

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Essa era a segunda pergunta: quais são as sequelas dos sobreviventes?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Dois deles, pelo que eu me lembro, têm cicatrizes pequenas que não são problemas. Um deles, que é o que o doutor se referiu, ele tem um problema respiratório bastante sério, já com algumas sequelas estabelecidas até então. Ele foi internado bastante tempo, teve problemas de infecção, ele teve essa queimadura de via aérea. Se eu não me engano, ele tem alguma coisa aditiva, também, uma queimadura de vias auditivas que tem alguma repercussão. Esteticamente, ele ficou bastante comprometido.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - E não seria possível analisar, por exemplo, se algum deles foi fatalizado por uma corrente elétrica ou por... Todos foram fogo?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Foi tudo fogo. Foi tudo fogo.

O SR. RODRIGO AMORIM - Agora, não me causa nenhum espanto aqui que o Flamengo tivesse, de fato, a memória médica, biomédica dos seus atletas. Um dos maiores clubes do mundo, é o mínimo que se espera: que cuide, com zelo, pelo menos, da matéria-prima que é. Porque é algo também que me assusta em relação ao Flamengo, sobretudo mais uma vez fazendo um apelo para que essa entrevista seja acostada aos autos, que o presidente fala enaltecendo, como se o Flamengo estivesse fazendo um grande feito social, ou seja: Olha, nós estamos cuidando daqueles jovens, dando toda atenção. Como se fosse ato de altruísmo do Flamengo, pegando jorzinhos excluídos da sociedade e cuidando desses jovens. Na verdade, o Flamengo estava cuidando de uma matéria-prima, de alto valor agregado e, por óbvio, não me causa nenhuma espécie que o Flamengo tivesse a memória biomédica, de estatura, acompanhamento de exames desses atletas que são a matéria-prima do clube. Então, só para que isso não nos influencie a achar que o Flamengo, a desidia que ficou comprovada até o momento, seja compensada por essa atenção especial com a saúde dos atletas.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Dra Gabriela, quer concluir?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Não, é isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Em relação à perícia médica, talvez os peritos criminais, talvez tenham perguntas para eles, não para mim.

A SRA. PAULA WOLFF - Doutora, eu tenho uma pergunta. Eu acho que, como ela não é tão específica, não é tão médica, eu acho que a senhora vai conseguir me responder. Apesar de serem imagens muito fortes para a gente, teve uma importância muito grande de ver esse trabalho para ter alguma ideia do que a gente vai encontrar nesse inquérito. Como foi dito antes, a gente não teve acesso a esse inquérito, então, muita coisa que foi dita a gente não sabia.

Minha pergunta é muito simples. Foi dito aqui que uma combustão dessa, um incêndio desse, às vezes, até em quarenta e cinco segundos isso pode chegar ao ápice de uma situação dessas. O ápice de um momento desses. A minha pergunta é se, em sua opinião, esse contêiner não fosse gradeado, existiria alguma chance de essas crianças terem conseguido pular, ou era tão inflamável que nem conseguiriam, sendo atletas, jovens, todos corriam, mas nem assim conseguiriam, porque o material é tão inflamável que não conseguiriam?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Eu acho que o caso aí, teria que perguntar aos peritos.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Eu não consigo responder. Só consigo responder questão médica. Talvez eles possam responder.

A SRA. RENATA SOUZA - Posso fazer uma sugestão, presidente?

A SRA. GABRIELA GRAÇA ... o flashover em quarenta e cinco segundos, e eu não sei dizer quanto isso durou lá, mas é só para explicar que esse fenômeno se dá dessa forma rápida.

A SRA. PAULA WOLFF - Entendi. Está ótimo.

A SRA. RENATA SOUZA - Gostaria de sugerir à dra. Gabriela que também disponibilizasse esses slides para a CPI.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Claro, a gente vai pedir à secretária para depois solicitar à doutora.

Os senhores querem fazer alguma apresentação?

(Fala fora do microfone)

A SRA. GABRIELA GRAÇA - As imagens deles são dos laudos deles mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Podem só fazer uma troca.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Presidente, só pedir à assessoria da comissão que pegue cópia do arquivo digital para que a gente acoste aos anexos.

(Pausa)

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Boa-tarde aos membros da comissão, boa-tarde aos familiares que não estão presentes, boa-tarde aos advogados. Vou tentar fazer uma explanação rápida, objetiva. Vou me ater aos fatos que a gente colheu no local. De qualquer forma, o laudo está no local, o laudo completo, um documento de 40, 45 páginas. Vou tentar resumir ao máximo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Vou pedir para disponibilizar também para a comissão, por favor. Peça para que a secretária pedir isso junto ao Instituto de Criminalística, o laudo, para que a gente possa ...

Pois não.

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Então, vou passar rapidamente e dizer que foi feito por uma equipe; nós somos uma equipe do serviço de engenharia do Instituto Carlos Éboli, o chefe participou do setor, o dr. Liu Tsun, perito criminal e engenheiro eletricitista; dr. Amaro Moreira; dr. Carlos Mesquita, engenheiro de matérias; dr. Renato Bechara e dr. César Guimarães, que está presente também com a gente aqui. Então, às 8h30 do mesmo dia, portanto logo após o evento que se desenvolveu durante a madrugada, o delegado de polícia, dr. Petra, através desse RO, requisitou nossos exames periciais, e uma hora depois estávamos todos no local. Inclusive, não lembro se era o Cel. Sarmento que estava no local... E a gente já iniciou os exames uma hora depois da solicitação...

O SR. RODRIGO AMORIM - Sempre o coronel Sarmento. Em todas as tragédias, ele e sempre o primeiro a chegar, não é coronel?

(Fala fora do microfone)

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Neste ano, estamos juntos porque a mesma equipe trabalhou no Badim, no mesmo plantão; no meu plantão. No Ninho do Urubu, no incêndio da Quatro por Quatro... Então, a gente está sempre junto e tem sempre uma repetição de equipe e já se conhece.

Essa foto é uma foto aérea feita por drones. A área delimitada em amarelo é o alojamento. Então, o alojamento só é a área em amarelo, o restante são áreas de apoio. Como falado aqui, são nove módulos habitáveis unidos, formando o alojamento, são seis quartos, uma área de vestiário e todos eles formados por esses nove módulos, nove contêineres, como são comumente conhecidos. Esses contêineres são isolados por painéis termo acústicos, todos os painéis e formação, formando um sanduíche; são dois painéis e o interior do painel a gente tem geralmente um produto para isolamento térmico e acústico.

O SR. RODRIGO AMORIM - E esse produto é inflamável, eu imagino...

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Sim, sim. Eu vou chegar no ponto, mas isso daí foi o que a gente encontrou quando chegou, está bom? Então, a gente - no momento dos exames - foi esse o local do trabalho. Parte da mobília interna já tinha sido removida, vocês podem ver um escoamento progressivo em direção à parede, lá da estrutura metálica, certo. Mas o que vocês estão vendo nessa imagem aí, é basicamente a estrutura dos módulos habitáveis, onde os painéis estão quase que de forma majoritária retorcidos junto ao piso, na órbita dele...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - E quando vocês chegaram, aqueles escombros já estavam lá fora?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - E quem alterou o local do fato?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Isso é produto do combate às chamas, que retirou do local, provavelmente para...

(Fala fora do microfone)

O SR. (?) - Nós... Faz parte do trabalho do rescaldo, quando temos que tirar essas placas para ventilar e ser mais efetivo no combate, nós tivemos a preocupação em todo momento de preservar a dinâmica do evento, os corpos nos mesmos locais... Não alteramos em nenhum momento.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Está bom.

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Perfeitamente, vou retomar. O coronel falou bem: os corpos estavam no local de origem, certo, cobertos por um lençol branco - geralmente é o protocolo que a gente trabalha no Rio de Janeiro.